

1911 – A OFENSIVA A TODO O CUSTO

Quando a hipótese de uma guerra europeia passou a ser encarada como uma quase certeza, a ideia de manobra estratégica francesa já não prescindia de assumir a existência, em simultâneo, de uma frente leste. Se o exército do Czar lograsse entrar em acção contra a Prússia Oriental nos primeiros dias após a mobilização, a Alemanha ficaria entre dois fogos e não conseguiria, provavelmente, ser bem-sucedida em nenhuma das duas frentes. Em boa verdade, a actuação do exército russo nas décadas precedentes não devia consentir uma confiança por aí além nas capacidades do seu corpo de oficiais. Havia sido derrotado, sucessivamente, na Crimeia (1854-1856), contra a coligação anglo-francesa, e na Manchúria, contra o Japão (1904-1905). Mas, por via dessas derrotas, era patente o desejo dos Russos de encontrarem numa vitória sobre a Alemanha a compensação moral de que se sentiam necessitados. Por esse motivo, encaravam com imprudente entusiasmo a possibilidade de, concertados com a França, irromper pela fronteira oriental alemã. De certo modo, era semelhante, nos dois países, a obsessão por uma vitória militar. Assim, foi com naturalidade que se procedeu ao estabelecimento de conferências entre os Estados-Maiores russo e francês, nos dois anos que antecederam o deflagrar do conflito.

Ora, essa colaboração franco-russa criava obrigações bilaterais que excluía, para ambas as partes, a simples contenção dos Alemães nas suas fronteiras. Pelo contrário, França e Rússia comprometiam-se a desencadear, imediatamente, operações de claro cunho ofensivo.

Com esta condicionante estratégica, não admira que as correcções à manobra napoleónica mais não fizessem do que reforçar a sua já conhecida tendência ofensiva. Todavia, como a violação da neutralidade belga estava fora de questão, o território onde essa acção ofensiva deveria ter lugar não podia ser outro senão o que se encontrava imediatamente para lá da fronteira franco-alemã. Do ponto de vista político e nacionalista, a opção, sendo única, não podia ser melhor, pois correspondia às regiões da Lorena e da Alsácia perdidas em consequência da derrota na guerra de 1870-71. Do ponto de vista militar, porém, tratava-se de terreno de configuração difícil, onde os Franceses não encontrariam condições geográficas favoráveis a uma ofensiva que proporcionasse, rapidamente, resultados decisivos. A conjugação desta realidade com a obrigação de tomar a iniciativa do ataque dificilmente poderia produzir os pretendidos efeitos. E, além disso, era preciso esperar que a ofensiva russa a leste fosse de tal modo eficaz que obrigasse o Estado-Maior alemão a retirar tropas da fronteira francesa para as enviar para a Prússia Oriental.



Tenente-coronel Grandmaison

É na vigência deste cenário geopolítico que se deve analisar a importância que o chefe da Repartição de Operações do Estado-Maior do Exército, tenente-coronel Louis Loyzeau de Grandmaison, iria adquirir, progressivamente, no desenvolvimento da doutrina militar francesa. Entusiasmado com as concepções estratégicas de Foch, Grandmaison apresentou pela primeira vez, em Fevereiro de 1911, as ideias mestras da doutrina da *ofensiva a todo o custo* (ofensive à outrance) no quadro de duas conferências proferidas no Centro de Altos Estudos Militares. Esta instituição fora criada, no ano anterior, para proporcionar uma preparação complementar aos oficiais-generais, os quais, até então, nenhuma formação recebiam após o curso da Escola Superior de Guerra. Nas suas conferências, Grandmaison centrou a sua atenção nos aspectos ofensivos, ficando célebres, para sempre, as

conclusões que então apresentou:

A nossa conclusão será que é preciso [prepararmo-nos para a ofensiva] e para o mesmo fim preparar os demais, cultivando com paixão, com exagero e até aos pormenores ínfimos da instrução, tudo o que leve – por pouco que seja – o cunho do espírito ofensivo. Há que ir até ao excesso e pode ser que não seja o bastante.¹

A ofensiva a todo o custo implicava a supressão das guardas-avançadas e o abandono da ideia da batalha decisiva previstas na doutrina da manobra napoleónica e um significativo acréscimo na qualidade de treino das tropas. Para Grandmaison, a ideia de segurança que estava implícita na adopção de guardas-avançadas não se coadunava com as vantagens decorrentes da aplicação de uma superioridade moral, pelo que considerava que a única forma de garantir a segurança e de impor a vontade ao adversário consistia em ser mais rápido e mais ofensivo do que ele:

A experiência de todos os tempos demonstra que, na ofensiva, a segurança se obtém provocando no adversário, logo no início, aquele tipo de depressão que o torna incapaz de agir. Não existem outras formas a não ser o ataque imediato e total. A mais pequena reticência que se exteriorize, mesmo em questões de pormenor, corre o risco de lhe fazer perder todo o seu valor.²

Para que não restassem dúvidas, Grandmaison fez o sumário das suas ideias de uma forma tão sugestiva quanto inquietante:

Resumirei o meu pensamento com uma frase de que apenas a própria aparência pode parecer paradoxal, dizendo que, em matéria ofensiva, a imprudência é a melhor das seguranças.³

Esboçava-se, assim, uma doutrina em que, dos factores da decisão – missão, inimigo, terreno, meios e tempo disponível – se elegia a missão como o factor quase único, ficando a figura do inimigo destinada a um papel secundário, em que só contaria a sua posição geográfica como objectivo do ataque. Que os inimigos fossem alemães também não parecia ter qualquer peso especial. No plano da execução, os escalões inferiores tratavam de conquistar o terreno e os superiores limitavam-se a gerir as reservas e os fogos de artilharia. A *manobra*, naquele sentido marcado pelo inesperado, pela inteligência, pela astúcia e pelo golpe de vista do comandante, era algo que não se coadunava com o argumento fundamental: a superioridade moral (paixão e vontade).

As ideias de Grandmaison provocaram um grande debate, com censuras e aplausos dos seus contemporâneos, e seriam, no futuro, objecto de interpretações distintas sobre o seu verdadeiro conteúdo. No plano da interpretação do pensamento de Grandmaison, convém referir, desde logo, a questão do patamar da sua aplicação. Parece natural que, destinando-se as conferências aos futuros comandantes de divisão, Grandmaison tivesse privilegiado o combate da infantaria, colocando a questão num nível essencialmente tático. Alguns pensadores militares viriam a opinar, mais tarde, que o erro cometido pelo exército francês, ao reformular a sua doutrina, nas vésperas do início da Grande Guerra, com base na ofensiva a todo o custo, decorria da transposição do pensamento de Grandmaison do plano tático para o plano estratégico. Foi nessa perspectiva que se manifestou o general Lanrezac, comandante do V Exército ao iniciar-se o conflito, que, num *Estudo crítico ao plano de campanha do general Joffre*, elaborado antes da guerra se iniciar, haveria de colocar as seguintes interrogações:

¹ QUELOZ, Dimitry, *De la manœuvre napoléonienne à l'offensive à outrance*, p. 441.

² *Ibidem*, p. 444.

³ TOURNOUX, J. R., *Pétain e de Gaulle*, p. 47.

Primeiramente, será razoável optar pela ofensiva estratégica em todas as eventualidades que se prevêem? É certo que o entusiasmo dos nossos oficiais de estado-maior pela ofensiva é tal que incorreríamos na reprovação geral se propuséssemos a defensiva estratégica – para o início da guerra, entenda-se.⁴ Mas será preciso, portanto, para satisfação de ideias puramente teóricas, adotar uma atitude oposta aos nossos naturais interesses?⁵

Parece bem que sim, porque, nos três anos que se seguiram às conferências do Centro de Altos Estudos Militares, as ideias de Grandmaison acabaram por ter uma influência decisiva na elaboração da nova doutrina do exército francês, o que demonstra a sua grande aceitação.

Mas também houve notáveis discórdias, que, no seu conjunto, permitem afirmar que a Escola Superior de Guerra, do ponto de vista doutrinário, passara para a “oposição”. De facto, entre os que, na época, discordaram das tendências ofensivas expressas por Grandmaison contavam-se generais de grande prestígio, como Castelnau, Dubail, Ruffey, Lanrezac, Foch, Sarrail, Maunoury, Pétain e Michel, sendo que este último, pelo cargo que desempenhava, deveria ser o comandante-chefe do Exército Francês em campanha. Michel não tardaria a perceber o preço que teria de pagar pela oposição às doutrinas da moda. O general de divisão Regnault, afirmou a este propósito:

Ao se erguer contra as ideias do tenente-coronel Grandmaison, o general Michel feriu os interesses de todo um clã de jovens oficiais, arrebatados e ambiciosos, muito convencidos da superioridade das suas ideias e das suas pessoas sobre as dos chefes que, na sua opinião, permaneciam demasiado tempo nos quadros, e pelos quais, em geral, professavam abertamente bastante pouca estima. Estes jovens oficiais eram, aliás, muito poderosos, tendo sabido fazer amigos tanto na imprensa como no Parlamento. Eram eles que faziam e desfaziam a reputação dos generais.⁶

Como consequência deste ambiente de intriga, em 21 de Julho de 1911, o ministro da Guerra decidiu demitir o general Michel. Contra todas as expectativas, seria nomeado para o seu lugar o chefe dos Serviços da Retaguarda, general Joseph Joffre, oriundo da arma de engenharia. Sem nunca ter comandado o escalão exército de campanha, e, provavelmente consciente da sua impreparação para o cargo, Joffre começaria por se esquivar à nomeação, acabando por aceitá-la quando lhe prometeram que teria como principal colaborador o general Castelnau, um dos mais reputados oficiais de estado-maior do exército francês, e que ele designou para o cargo de primeiro-subchefe do estado-maior.⁷

Nesse final de Julho de 1911, Messimy aproveitou para fazer outra significativa alteração estrutural: colocou o Chefe do Estado-Maior do Exército⁸ sob a dependência de Joffre

⁴ Nota do próprio Lanrezac – Falamos, aqui, da atitude a adoptar no início das hostilidades, durante o tempo necessário aos nossos aliados para estarem completamente em estado de marchar. Uma vez reunidos os nossos meios e os dos nossos aliados, tomaríamos a contra-ofensiva: uma contra-ofensiva combinada de acordo com a situação que apurássemos acerca do inimigo e limitada à parte do teatro de operações onde podíamos desencadear um golpe decisivo, mantendo a defensiva em todo o resto da frente. Era penoso termos de nos submeter inicialmente à vontade do inimigo, mas era imperioso resignarmo-nos, dado que qualquer outra conduta nos expunha aos mais graves riscos.

⁵ LANREZAC, Charles, *Le plan de campagne français et le premier mois de la guerre (2 Août – 3 Septembre 1914)*, p. 30.

⁶ PERCIN, Alexandre, *1914 – Les erreurs du haut commandement*, p. 132.

⁷ Esta função implicava que, em tempo de guerra, o seu titular se tornasse no *major-general*, isto é, no chefe de estado-maior do *generalíssimo*. A função designada por *major-general* nada tinha a ver, portanto, com a patente que, noutros exércitos, corresponde a general-de-divisão.

⁸ O Chefe do Estado-Maior do Exército (CEME) continuaria a ir a despacho ao ministro da Defesa e a ter autonomia para efectuar todas as nomeações dentro do ramo, mas nas questões operacionais ficava na dependência de Joffre. Na época, o CEME era o general Dubail e continuaria a sê-lo até que o novo ministro Millerand, no início de 1912, suprimiu o cargo, passando o do general Castelnau a designar-se por Subchefe do Estado-Maior-General. Com essa alteração, ficavam concentradas nas mãos de Joffre quase todas as competências de natureza militar.

e deu ao cargo ocupado por este a designação de Chefe do Estado-Maior-General (embora se mantivesse, também, a designação tradicional de *generalíssimo*, dadas as suas funções de Comandante). Assim, daí em diante, nada se faria em matéria de organização, armamento ou instrução que não resultasse das propostas do novo generalíssimo do exército gaulês. O Centro de Altos Estudos Militares e a Escola Superior de Guerra passavam, também, para a sua dependência directa. Em suma, existia, agora, um órgão de comando que se assemelhava ao Grande Estado-Maior alemão.

Finalmente, como decorria da decisão política da sua nomeação, Joffre apoiava, sem reservas, as teses ofensivas que estavam na moda. No entanto, nas suas *Memórias*, Joffre lamenta que as Direcções das Armas tenham continuado a depender directamente do ministro. Esse lamento é dirigido, sobretudo, para a Direcção da Arma de Artilharia, cujas orientações técnicas mereciam grandes críticas ao novo *generalíssimo*.⁹

O apoio que Joffre dava às teses ofensivas da moda constitui um aspecto importantíssimo do ponto de vista histórico. Valendo-nos da justificação que apresentou posteriormente ao final da guerra, somos levados a deduzir que Joffre tinha uma percepção do problema doutrinário que o colocava, convictamente, do lado dos entusiastas seguidores dos preceitos de Grandmaison. Nessa justificação, o marechal começaria por se referir às concepções do general Négrier, responsabilizando as suas ideias de inviolabilidade das frentes defensivas pelo desvanecimento, nos oficiais, dos ténues sentimentos ofensivos que acabavam de surgir nas doutrinas de guerra francesas. Para os partidários da “defensiva táctica e ofensiva estratégica” reservaria, também, uma severa crítica:

Partindo do dogma de que qualquer ataque frontal é impossível, mesmo com forças superiores, e que o armamento moderno favorece o contendor que adopta uma postura defensiva, consideravam sistematicamente como vantajoso o serem atacados. Os partidários desta doutrina aceitavam os riscos de uma batalha decisiva para desgastar o inimigo, sem se desgastarem a si próprios. [...] Assim, o estudo incompleto dos acontecimentos de guerra levava a elite intelectual militar de então a pensar que os progressos do armamento e a potência dos fogos tinham de tal modo aumentado o valor da defesa que, comparativamente, a ofensiva tinha perdido toda a virtude.» E, logo depois, concluía: «Estas teorias tiveram imensa repercussão no exército. Favoreciam os instintos secretos de conservação, sabotavam mesmo as bases dos nossos regulamentos e abalavam a confiança dos oficiais nos seus chefes. O mal era grave e profundo.»¹⁰

Feita esta verificação, importa continuar a seguir o pensamento de Joffre, agora no tocante às doutrinas de pendor ofensivo, nomeadamente àquelas cuja paternidade era atribuída ao tenente-coronel Grandmaison:

No entanto, como sucede de cada vez que se trata de inverter uma corrente de pensamento consolidada, passou-se a um exagero no entusiasmo pela doutrina ofensiva. Falámos de uma “mística da ofensiva”. Trata-se, sem dúvida, de uma expressão excessiva; marca, porém, bastante bem, o carácter um pouco irreflectido que tomou, nos anos que se seguiram a 1905, o culto da ofensiva. Caberia ao tenente-coronel Grandmaison [...] sustentar, em 1911, [...] esta teoria exagerada, com um clamor que, por sua vez, a tornava perigosa!¹¹

David Martelo – 2013

⁹ JOFFRE, Joseph, *Mémoires (1910-1917)*, vol. I, p. 15.

¹⁰ *Ibidem*, p. 31.

¹¹ *Ibidem*, p. 32-33.